

Vozes deslocadas, escutas possíveis: projetos de *storytelling* como contranarrativa ao discurso hegemônico sobre refugiados

Ludmila e Silva Masih¹
Universidade de São Paulo - USP

RESUMO

Este artigo analisa “*Refugee Stories*”, série fruto da parceria entre “*Humans of New York*” (HONY) e Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR). A partir do estudo das narrativas de refugiados, discutimos o papel do *storytelling* como contranarrativa ao discurso hegemônico sobre deslocamento forçado. Durante a pesquisa foi possível identificar que as narrativas de vida podem desafiar estereótipos e oferecem uma representação mais humanizada dos refugiados, promovendo visibilidade e agenciamento a esse grupo. Destacamos, ainda, a importância do meio digital nesse processo ao permitir que as vozes dos refugiados alcancem uma audiência global.

PALAVRAS-CHAVE: Storytelling; Refugiados; Narrativas; Migração.

A contação de histórias de vida como uma ferramenta política para grupos minoritários consolidou-se a partir da segunda metade do século XX, no contexto das transformações sociais, culturais e políticas do período. Na década de 1960, no cenário de fortalecimento de movimentos sociais e identitários - como o movimento negro e o feminista - a prática da narrativa de vida passou a representar uma possibilidade de empoderamento e visibilidade para grupos que reivindicavam seus direitos.

Nas décadas seguintes, a prática da narração autobiográfica manteve-se como um instrumento útil para grupos marginalizados - os quais, frequentemente silenciados na esfera pública, encontraram no compartilhamento de suas histórias de vida uma forma de validação de suas experiências pessoais e reafirmação de suas identidades (Arfuch, 2010). Com as inovações digitais do fim do século XX, sobretudo a ampliação do acesso à tecnologias como computadores e a Internet, essa prática ganhou um novo fôlego, ampliando seu alcance e impacto.

Nesse contexto, projetos de *storytelling* popularizaram-se: iniciativas - como o Museu da Pessoa, em 1991, e o *StoryCorps*, em 2002 - de registro e compartilhamento de histórias de vida têm o objetivo de atrair o público e conectar indivíduos por meio da contação de histórias. Dentre os inúmeros projetos que surgiram desde então, muitos têm como foco as narrativas de grupos marginalizados, como os imigrantes.

¹Mestre em Estudos Culturais pela Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH-USP). Bacharel em Jornalismo pela Universidade Federal do Ceará (UFC). email: ludmilamasih@usp.br.

Neste trabalho, buscamos explorar como as histórias de vida de refugiados no meio digital podem funcionar como uma contranarrativa ao discurso hegemônico a respeito desse grupo. Como objeto, propomos uma análise de “*Refugee Stories*”², uma parceria entre o projeto de *storytelling* “*Humans of New York*” (HONY) e o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) realizada em 2015. A série, composta por relatos de vida e imagens de refugiados registrados, foi publicada nas redes sociais do HONY, obtendo atenção de internautas e da mídia tradicional.

Com o objetivo de compreender a relação entre as narrativas de refugiados publicadas no projeto e o discurso hegemônico sobre deslocamento forçado, realizaremos uma discussão sobre a representação midiática desse grupo e o potencial das histórias de vida como um instrumento de resistência política. Em seguida, uma análise do objeto é realizada de forma a explorar as potencialidades e os desafios de iniciativas como “*Refugee Stories*”.

1. Refugiados: questões de identidade e representação

A parceria entre HONY e ACNUR tem como foco os refugiados, temática de relevância na contemporaneidade - sobretudo a partir da metade do século XX, quando a Segunda Guerra Mundial foi responsável pelo deslocamento forçado de 60 milhões³ de pessoas na Europa. Nas últimas duas décadas, com o aumento de conflitos étnicos, políticos e religiosos em países europeus, africanos e médio-orientais, a questão do deslocamento forçado tornou-se ainda mais relevante e urgente, virando pauta de discussões na política, na academia e na sociedade em geral.

No âmbito social, a migração é um processo que traz consequências individuais e coletivas. Num sentido particular, o deslocamento forçado vem, frequentemente, acompanhado da sensação de não-pertencimento, da necessidade de adaptação às mudanças e da dificuldade de integração à nova sociedade. Para Paraguassu (2022), a experiência migratória, sobretudo a involuntária, é um processo de perda concreta e subjetiva que é marcado pela incerteza e pela insegurança.

Para Hall (2006), o deslocamento influencia na percepção identitária dos migrantes, influenciando como eles veem o mundo e a si mesmo. O contato intenso com

²Em tradução livre, “Histórias de Refugiados”.

³Embora esse número seja incerto, esta é uma estimativa do Imperial War Museum (2020).

uma nova cultura e a pressão para a assimilação na nova sociedade por vezes são catalisadoras de um processo de desconstrução identitária no qual o migrante vivencia uma espécie de crise de identidade (Kristeva, 1994). No caso do deslocamento forçado, essa situação é ainda mais delicada por se tratar de um processo involuntário que deixa, muitas vezes, os refugiados numa posição de vulnerabilidade.

Migrar, portanto, é um processo complexo, incerto e potencialmente transformador para quem o vivencia, podendo representar uma ruptura com a percepção de quem somos e de qual o nosso lugar no mundo. Coletivamente, os deslocamentos migratórios também trazem impactos. No caso da chamada “crise dos refugiados”, a chegada de estrangeiros em países do Ocidente significou o aumento de um sentimento de xenofobia por parte dos nativos, que interpretam essa presença como uma ameaça (Aswad, 2019).

A percepção hostil dos ocidentais sobre os refugiados, sobretudo os que vêm de países orientais, é fortalecida pelo discurso da mídia tradicional, que frequentemente retrata-os de forma negativa (Aswad, 2019). Pesquisas conduzidas ao longo da última década apontam para uma representação problemática dos refugiados, geralmente relacionadas aos estereótipos de ameaça à segurança - o estrangeiro visto como perigoso e potencialmente criminoso - e à cultura nacional - como uma figura que representa o “estranho” e não familiar (Hall, 2006; Aswad, 2019).

A representação negativa e imprecisa dos refugiados na mídia funciona de forma a influenciar a percepção pública sobre o assunto, sobretudo por se tratar de um grupo frequentemente silenciado, cuja voz não costuma ser ouvida na sociedade. De fato, assim como outras minorias, as pessoas em deslocamento forçado dificilmente têm espaço para contar as suas experiências e se fazerem ouvir. Na prática, esse silenciamento dos próprios refugiados significa que o discurso midiático é percebido como uma narrativa oficial e hegemônica.

A prática do *storytelling* surge, portanto, como uma oportunidade de contranarrativa, já que os relatos pessoais dos refugiados podem funcionar de forma a contrapor o discurso hegemônico da mídia. Por serem narrativas baseadas em experiências vividas em primeira pessoa, esses relatos podem se distanciar dos estereótipos da representação midiática, promovendo uma percepção humanizada sobre o deslocamento forçado e apresentando um olhar diferente sobre a experiência de

refúgio - o de quem, de fato, a viveu.

2. Projetos de *storytelling* e “*Refugee Stories*”

Pesquisadores como Magalhães (2018) e Ritivoi (2018) destacam que narrar a própria vida tem efeitos positivos tanto num sentido coletivo quanto individual. No ponto de vista geral, as narrativas autobiográficas funcionam como um contraponto ao discurso hegemônico sobre grupos minoritários, tendo o potencial de desconstruir estereótipos e influenciar a opinião pública sobre determinado assunto ou comunidade (Ritivoi, 2018).

No ponto de vista individual, compartilhar relatos pessoais é considerado uma prática positiva por incentivar o protagonismo dos narradores nas próprias histórias, empoderando-os (Magalhães, 2018). Além disso, desde a década de 1970, acredita-se na narrativa como uma ferramenta com efeito de cura, permitindo a elaboração de experiências vividas, sobretudo quando se trata de acontecimentos traumáticos (Ritivoi, 2018)

É partindo da ideia das narrativas autobiográficas como uma prática benéfica que projetos de *storytelling* atuam no registro e no compartilhamento de histórias de vida. Mais especificamente, muitas são as iniciativas que buscam servir como uma plataforma para a amplificação das vozes de grupos que são frequentemente silenciados, como é o caso dos refugiados. Desde 2011, em ocasião do início da guerra na Síria, diferentes projetos desenvolveram séries voltadas para as histórias de pessoas em deslocamento forçado, visando atrair a atenção do público à questão dos refugiados.

“*Refugee Stories*”, uma dessas iniciativas, tem o objetivo não apenas de chamar atenção à causa do deslocamento forçado, mas também de humanizar os refugiados que contam suas histórias de vida. Desenvolvida em 2015, a série surgiu da visita de Brandon Stanton, criador do *Humans of New York*, a campos de refugiados na Europa. À convite do ACNUR, Stanton entrevistou os migrantes, registrou suas histórias e publicou-as nas páginas do HONY no Facebook e no Instagram, onde elas foram acessadas por milhões de internautas. As redes sociais têm papel fundamental no sucesso da série e de outros projetos de *storytelling*, ao ampliarem o alcance das

iniciativas, eliminando barreiras como a distância geográfica, e facilitarem o acesso do público às narrativas.

Os relatos dos refugiados têm em comum a temática do deslocamento forçado, mas diferenciam-se entre si em relação ao teor das histórias e ao perfil dos narradores, que são de nacionalidades variadas - iranianos, iraquianos, dentre outros - e faixa etárias diferentes. Essa diversidade demográfica dos narradores permite a construção de um acervo plural que é composto por relatos que abordam diferentes aspectos da experiência de refúgio, e que se distanciam da forma homogênea e superficial que a mídia ocidental costuma representar os refugiados (Perreault e Paul, 2018).

Analizando o projeto, é possível perceber que as narrativas dos refugiados são heterogêneas e relatam experiências que, embora tenham em comum o contexto do deslocamento forçado, são particulares. As temáticas dos relatos são a vida pré-refúgio, os motivos para o deslocamento forçado e as expectativas para o futuro. Alguns dos temas tratados vão de encontro aos estereótipos existentes sobre refugiados, sobretudo os orientais. Por exemplo, alguns dos narradores têm elevada formação acadêmica e ocupavam posições de destaque em seus países, o que contrapõe a ideia de que se tratam de pessoas desqualificadas ou passivas que se utilizam da situação de deslocamento para “invadir” outros países.

O discurso do refúgio como uma suposta “invasão” de estrangeiros que teriam o objetivo de destruir os “valores ocidentais” e impor nova cultura e religião também é colocado em cheque com os relatos. As narrativas permitem ao público o contato - mesmo que indireto - com os refugiados, e possibilita uma compreensão de que eles são pessoas comuns cujas vidas foram transformadas por situações extremas, como guerras, e não personificações dos estereótipos reforçados pelo discurso hegemônico ocidental.

Além disso, lendo os relatos, é perceptível que os narradores compartilham não só os fatos vividos, mas também as sensações experienciadas, o que traz às narrativas um aspecto humanizador que permite aos leitores se conectarem com as histórias, por vezes suscitando sentimento de compreensão e empatia (Ritivoi, 2018). Em comparação ao discurso hegemônico sobre refugiados na mídia tradicional, as narrativas de vida publicadas no HONY sugerem que a experiência do refúgio é complexa e diversa e que as pessoas que as vivenciam, embora estejam numa situação vulnerável, têm agenciamento e uma voz a ser ouvida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em “*Refugee Stories*”, as narrativas contrapõem estereótipos e funcionam como contranarrativa ao discurso hegemônico alimentado pela mídia tradicional ocidental. Os relatos de vida permitem ao público um vislumbre de um *outro* ponto de vista - o das pessoas que viveram, em primeira mão, as situações que narram. A série funcionou como uma plataforma para os narradores compartilharem suas experiências e terem suas vozes amplificadas, possibilitando um contato - mesmo que indireto - dos leitores com a temática do deslocamento forçado. O meio digital tem importante papel no sucesso de iniciativas de *storytelling*, como “*Refugee Stories*” ao permitir um maior alcance do projeto, reduzindo limitações, como a geográfica.

Futuras pesquisas podem explorar algumas das problemáticas que, por questões logísticas, não foram aprofundadas neste trabalho. Um exemplo é relacionado ao próprio meio digital: apesar de seus benefícios, ele impõe limitações quanto ao formato das narrativas, que são adaptadas a lógicas de produção e consumo atuais. Outra problemática é relacionada à mediação de Brandon Stanton, que ocupa uma posição de curador e editor do projeto, o que levanta questões sobre autoria e sobre a importância dos próprios refugiados ocuparem esses espaços em projetos de *storytelling*.

REFERÊNCIAS

- ASWAD, N. G. Biased neutrality: the symbolic construction of the Syrian refugee in the New York Times. **Critical Studies in Media Communication**. v. 36, n. 4, p. 357-375, 2019.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. 104p.
- KRISTEVA, J. **Estrangeiros para nós mesmos**. 1ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. 208p.
- MAGALHÃES, V. B. Relatos de refugiados norte-coreanos: história oral e narrativas autobiográficas. **Revista Brasileira de Pesquisa Auto(biográfica)**. v. 3, n. 1, p. 146 - 166, 2018.
- PARAGUASSU, F. **Narrativas de Infâncias Refugiadas: a criança como a protagonista da própria história**. 1ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2022. 167p.
- PERREAULT, G.; PAUL, N. An image of refugees through the social media lens: a narrative framing analysis of the Humans of New York series “Syrian Americans”. **Journal of Applied Journalism & Media Studies**. v. 7. n. 1, p. 79-102, 2018.
- RITIVOI, A. **Empatia, intersubjetividade e compreensão narrativa: lendo as histórias, lendo as vidas dos outros**. 1ed. São Paulo: Letra e Voz, 2018. 72p.